



UNIÃO DO APOSTOLADO CATÓLICO

APÓSTOLOS HOJE

Pe. François Harelimana, SAC

MARÇO 2025



A força do Sacramento da Reconciliação

Jubileu dos Missionários da Misericórdia

O poder do Sacramento da Reconciliação se manifesta, sobretudo, nas medidas tomadas para reparar os danos causados pelo pecado. O próprio Deus, por meio do seu Verbo feito carne, interveio para curar as feridas causadas pelo pecado na vida humana. Em seu amor infinitamente misericordioso, Ele instituiu e confiou à Igreja este Sacramento por meio do qual os fiéis podem retornar à comunhão com Ele e seu povo.

Um sacramento de cura

O Sacramento da Reconciliação tem outros nomes que esclarecem seu significado. É chamado, sucessivamente, Sacramento da Penitência, Sacramento da Confissão, Sacramento do Perdão e Sacramento da Conversão ou Reconciliação (CIC 1423-1424). Este é, portanto, um dos sete Sacramentos instituídos por Cristo e pelos quais ele age para a salvação daqueles que dele se aproximam (cf. S.C. n° 7). É por excelência o sacramento do amor e da consolação de Deus. Podemos dizer que quem expressa o desejo de receber este Sacramento, confessa antes de tudo o amor misericordioso de Deus.

O Concílio Vaticano II explica que os fiéis que caíram em pecado depois do batismo, não são condenados por isso, mas que este Sacramento lhes oferece a graça de se reconciliarem com Deus: *Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência recebem da misericórdia de Deus o perdão da ofensa que fizeram a Ele e, ao mesmo tempo, são reconciliados com a Igreja que seu pecado feriu* (LG 11). Por meio deste Sacramento, aqueles que sofrem com a crueldade do pecado e seus danos podem saborear o perdão.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, "o pecado é uma ofensa à razão, à verdade e à consciência reta; É uma falha no verdadeiro amor a Deus e ao próximo causada por um apego perverso a certos bens. Ela fere a natureza humana e mina a solidariedade humana. Foi definido como "uma palavra, ato ou desejo contrário à lei eterna" (CIC n° 1849). O poder deste sacramento restaura a saúde espiritual para o bem de toda a pessoa.

A alegria da reconciliação

A alegria de ser purificado do pecado original por meio do batismo é frequentemente interrompida por escolhas erradas contra Deus e o próximo. A parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32) nos faz compreender que a alegria perdida é restaurada na conversão pós-batistal por meio do Sacramento da Reconciliação. Segundo esta parábola, a rejeição do pai pelo filho mais novo e seu exílio voluntário não conseguiram destruir todo o amor que o pai tinha por seu filho. A vida de Jesus revela a todos o rosto misericordioso do Pai cuja alegria é perdoar.

O Papa Francisco ensina que nesta parábola, como em outras que falam da Misericórdia, “Jesus revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca admite a derrota até que tenha absolvido o pecado e superado a rejeição, por meio da compaixão e da misericórdia” (Misericordiae Vultus, n. 9).

Este clima alegre caracteriza o encontro de Deus com os seus filhos, e estes entre si. Em vez de resignar-se às nossas alianças quebradas, Ele estabeleceu entre a humanidade e Ele, por meio de Seu Filho Jesus Cristo, um novo vínculo tão forte que nada pode desfazê-lo (Cfr. Missal, Oração Eucarística I pela Reconciliação). Essa alegria divina inunda a terra, tanto que ninguém teria medo de confessar sua miséria e sua indignidade. Pelo contrário, todos devem aproximar-se do confessor com confiança e esperança porque, como disse São Francisco de Sales, “o trono da misericórdia de Deus é a nossa miséria”.

A força de amar e perdoar

Em qualquer caminho espiritual, uma alma que cai desencoraja ou arrasta outros. Por outro lado, aquela que mergulha no oceano da Misericórdia divina eleva a muitos. Para guardar e observar o maior mandamento do Senhor, de amar a Deus e ao próximo (Mt 22,34-40), os fiéis são convidados a sempre confiar na força do Sacramento da Reconciliação. Isto cura o amor ferido pelo pecado e restaura a graça santificante. A experiência desta “ressurreição espiritual” é acompanhada de uma nova força, não só para lutar contra as tentações, mas também para amar e perdoar aos outros as suas ofensas.

O poder reconciliador deste Sacramento restabelece a aliança com Deus em Cristo Redentor e Reconciliador e se concretiza na necessidade de reconciliação com o próximo e com toda a comunidade eclesial. A reconciliação também é um caminho para a santidade, o que implica amor ao próximo, que é um membro do Corpo de Cristo (1 Cor 12:27).

A Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia* recorda a insistência de Jesus sobre o tema da reconciliação fraterna quando nos convida a oferecer a outra face, a deixar até o manto a quem tomou a túnica (Lc 6,29), a amar também os nossos inimigos (Mt 5,43-45) e a perdoar sem limites (Mt 18,21-22). “É nessas condições, que só pode ser alcançada em um clima autenticamente evangélico, que a verdadeira reconciliação entre indivíduos, famílias, comunidades, nações e povos é possível”, afirma o Papa João Paulo II (n. 16).

Amor e perdão são inseparáveis. Este último acompanha o crescimento do amor para abrir os fiéis ao sabor do Sacramento da Reconciliação. Deus odeia o pecado, mas Ele ama muito o pecador. É por isso que, ainda hoje, por meio de seu Filho e de seus Ministros, Ele se compromete a curar os corações feridos de seus filhos.

São Vicente Pallotti, um penitente feliz

Os escritos de São Vicente registram as reações que ele mesmo faz, a ponto de o leitor se sentir como um perpétuo penitente. E, no entanto, este penitente, consciente da sua miséria e dos seus pecados, está sempre feliz por se sentir envolvido pelo amor e pela misericórdia infinitos de Deus. Em seu retiro espiritual em Montecitório, em 1842, ele notou este movimento espiritual: Meu Deus, minha Misericórdia, Vós somente sabeis que fui e ainda sou tão incapaz de ser santo, que só posso sê-lo por um prodígio extraordinário de vossa misericórdia (OOCC X, 714). Ele está convencido de que não pode fazer isso sozinho; mas que com Deus ele terá sucesso (OOCC X, 122).

Em seu caminho para a tão desejada perfeição, ele sofre ao encontrar obstáculos relacionados às suas limitações e toma medidas para ir além. O mais importante está formulado neste princípio: A confissão sacramental feita

frequentemente e com as disposições necessárias é um meio muito eficaz para alcançar a perfeição (OCC XI, 903). Ele também pensa na salvação dos outros. Sabemos que toda a sua Família espiritual herdará como lema a destruição do pecado para a glória infinita de Deus e a salvação das almas. Graças a este Sacramento, Pallotti é um homem feliz por se sentir objeto do amor infinito de Deus. Essa experiência profunda acompanha sua jornada. Em uma de suas conversas com Deus, ele lhe abre o coração e não sabe como expressar sua alegria: Tu que és Amor infinito, Misericórdia infinita, e perdoa-me se ousar dizer que estás louco de Amor e Misericórdia para comigo (OCC X, 235).

Tornando-se cantor da Misericórdia por seu entusiasmo, Pallotti nunca deixará de guiar os outros para a doçura deste sacramento da reconciliação. Ele não hesitará sequer em dar o exemplo de tantos santos que o experimentaram: São Leonardo confessava-se duas vezes por dia, São Francisco Regis três vezes por dia e São Pacífico da Sanseverino quatro vezes por dia, [...] para se aproximar do Santo Altar com uma mais perfeita liberdade de consciência (OCC II, 68). Para ele, ir ao confessionário é confessar sua fé, seu amor a Deus. Ele gostaria de ir lá com frequência. Por exemplo, em 1840, enquanto estava em Osimo, expressou o desejo de receber o sacramento da reconciliação todos os dias (Cfr. OCC X, 386).

Conclusão

A comunhão renovada com Deus fortalece os laços frágeis com os outros e, por meio disso, fortalece a unidade da Igreja. Hoje, a comunidade humana tem grande necessidade de redescobrir a sua nobreza no coração da fragilidade humana, através do pedido e da oferta do perdão (cf. Dilexit nn. 189). Na Bula de Proclamação do Jubileu da Misericórdia, o Papa Francisco faz um forte apelo a toda a comunidade cristã: “chegou o momento de a Igreja redescobrir o alegre anúncio do perdão. [...] O perdão é uma força que nos revigora e nos dá a coragem de olhar para o futuro com esperança” (n. 10). Este apelo do Santo Padre continua válido.

Conferir o sacramento da reconciliação é testemunhar a obra de Deus no penitente. No Santuário de Nossa Senhora de Kibeho (o local das aparições da Mãe do Verbo), muitos peregrinos vêm pedir esse sacramento. Pessoalmente, fico triste ao ver alguns deles partirem sem ter recebido esse sacramento. O mesmo acontece com meus confrades. Às vezes, ficamos presos no confessionário e voltamos para casa muito cansados, mas felizes. Aqui em Kibeho, a Virgem Maria fez um apelo vibrante à conversão. Queremos encontrar mais sacerdotes para prestar esse serviço a todos os que o desejarem. Obrigado por orar por nós!

Para refletir

- 1) Fala-se hoje de uma crise no sacramento da reconciliação. Em sua opinião, quais são as causas desse desinteresse pelos sacramentos em geral e pelo sacramento da reconciliação em particular?
- 2) O carisma de São V. Pallotti é nossa herança. Seu lema “Ad detruendum peccatum” é o nosso lema. Que ações apostólicas propõe para combater os pecados do nosso tempo?